Divergência e transição: o que há de urbano e ribeirinho na Vila Elesbão (AP)

Divergence and transition: what's urban and riverine in the Elesbão Village (AP)

Victor Guilherme Cordeiro Salgado

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7169>

DOI: 10.4000/pontourbe.7169

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Victor Guilherme Cordeiro Salgado, « Divergência e transição: o que há de urbano e ribeirinho na Vila Elesbão (AP) », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7169> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7169>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Divergência e transição: o que há de urbano e ribeirinho na Vila Elesbão (AP)

Divergence and transition: what's urban and riverine in the Elesbão Village (AP)

Victor Guilherme Cordeiro Salgado

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 20/04/2019

Aceitação / Accepted 22/08/2019

- 1 O que se denomina como beira-rio da Vila Elesbão, foi definida como a principal microrregião de interesse para pesquisa e intervenção do Projeto de Extensão Planejando com a Comunidade na cidade de Santana (AP), coordenado pela Profa. Dra. Bianca Moro de Carvalho. É neste ponto de transição entre o rio e a cidade que ocorre “o que é ribeirinho”, paisagem de embarcações, palafitas, açais, píeres e estaleiros, em território urbano, onde é permitido viver sob a forte influência de muitos hábitos de comunidades rurais da Amazônia integrados ao espaço urbano, o que não significa estar imune aos aspectos sombrios da urbe do século XXI.
- 2 O ensaio fotográfico *Divergência e transição: o que há de urbano e ribeirinho na Vila Elesbão (AP)* fez parte do repertório de técnicas de coleta de dados na localidade, ocorrido em cinco visitas acompanhadas de moradores, com e também por vezes sem a equipe completa do referido projeto entre 2017 e 2018. A fotografia, nesta investigação, além de abastecer acervos documentais, serviu de integração ao processo de observação simples, diante os vários métodos de coleta de dados empregados.
- 3 É contado pelos moradores mais antigos que o primeiro habitante da comunidade tinha o sobrenome Elesbão, e dele o igarapé herdou o nome de origem. Há mais de 60 anos, a comunidade erguida sob pilotis de madeira, consolida-se como um assentamento

popular, fruto do interesse e organização da comunidade por soluções para os problemas coletivos, dentre outros. As fotografias têm como foco o contato do habitante com rio, e suas relações estreitas herdadas por fortes laços históricos. Além de via fluvial, o rio Amazonas acolhe e nutre quem dele usufrui, a pesca e o ofício da carpintaria naval são do cotidiano da comunidade, expoentes do potencial de desenvolvimento local que a Vila demonstra.

- 4 A palafita ainda é a principal técnica construtiva desempenhada pela comunidade. São predominantemente oriundas da autoconstrução, com fortes traços das palafitas vernáculas, contudo já subsidiadas com materiais e equipamentos contemporâneos, ou seja, são encontradas estéticas híbridas, em adaptação, diante das possibilidades econômicas das famílias. A vista da janela ou da varanda contempla a imensidão de água doce, vegetação exuberante de ilhas próximas e embarcações de grande porte, sem falar das embarcações tradicionalmente produzidas pelos carpinteiros navais locais.
- 5 Apesar das imagens de assentamentos precários discutidos em sala de aula persuadirem o imaginário a apenas criar/simular texturas e sombras hostis sobre essas áreas da cidade, a experiência vivida a partir do contato com a Vila Elesbão foi sem dúvida encantadora. A extensão universitária, neste sentido, possibilitou-me presenciar algo raro na região amazônica amapaense, e principalmente na área de ciências sociais aplicadas, o encontro entre os saberes práticos e científicos como estímulo à transformação.

Infância ribeirinha (1); Ao pôr-do-sol, relógio batendo às 17 horas no Amapá, chega o momento de aproveitar a amenidade do calor para treinar a pesca.

AUTOR: SALGADO, V. 2017.

Infância ribeirinha (2); Rede de pesca lançada, canoa amarrada, o rio à espreita do menino que aprende fazendo.

AUTOR: SALGADO, V. 2017.

Perspectiva do trapiche; em geometria conhecemos o ponto fuga como possibilidade de caminho, sentido, fixo e referencial. O senhor que surge na travessia, "Seu Moraes" (Presidente da Associação de Moradores), é um dos pontos de fuga quando as mazelas que atingem a comunidade precisam ser atendidas.

AUTOR: SALGADO, V. 2018.

Lançar o véu; a pesca é uma das principais atividades econômicas e de subsistência na Vila Elesbão.

AUTOR: SALGADO, V. 2017.

A vista do íntimo de um estaleiro; uma breve abordagem do contexto portuário na região de Santana (AP). A materialidade metálica e industrial em contraste à materialidade assimétrica e orgânica – não se deve interpretar como um comparativo, apenas uma das verificações da relação entre as tipologias diante o cenário.

AUTOR: SALGADO, V. 2017.

Varanda e quintal; esta habitação é um dos exemplares de edificações que alcançam com maior intimidade o leito do rio.

AUTOR: SALGADO, V. 2017.

Estéticas híbridas; é possível extrair alguns dos momentos de mudanças, avanços e transformações no tempo de consolidação da habitação a partir da imagem.

AUTOR: SALGADO, V. 2019.

Habitat; apesar das características da natureza amazônica proporcionarem em alguns momentos dificuldades para o habitante, o mesmo fator ambiental contempla o indivíduo com bençãos que o afastam dos pesadelos diários da cidade, todos os dias.

AUTOR: SALGADO, V. 2018.

AUTOR

VICTOR GUILHERME CORDEIRO SALGADO

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).